

AMBIENTE Migração da população do centro para os extremos de SP nos anos 90 responde pelo desmatamento de ao menos 34,2 km²

'Periferização' destrói 2 Ibirapueras por ano

MARIANA VIVEIROS
DA REPORTAGEM LOCAL

A expulsão de população do centro para os extremos de São Paulo na última década, responsável pelo aumento do percentual de excluídos, trouxe também prejuízos ao ambiente, refletidos sobretudo no intenso desmatamento causado pela ocupação irregular e desordenada da periferia.

Mais de metade (60%) de todos os 53,45 km² de vegetação significativa em volume, tamanho e proporção destruída na capital entre 1991 e 2000 estava localizada em dez distritos da periferia (veja quadro). Nesse intervalo de tempo, eles destruíram, em média, por ano, o equivalente a dois parques Ibirapuera — ou 3,2 km².

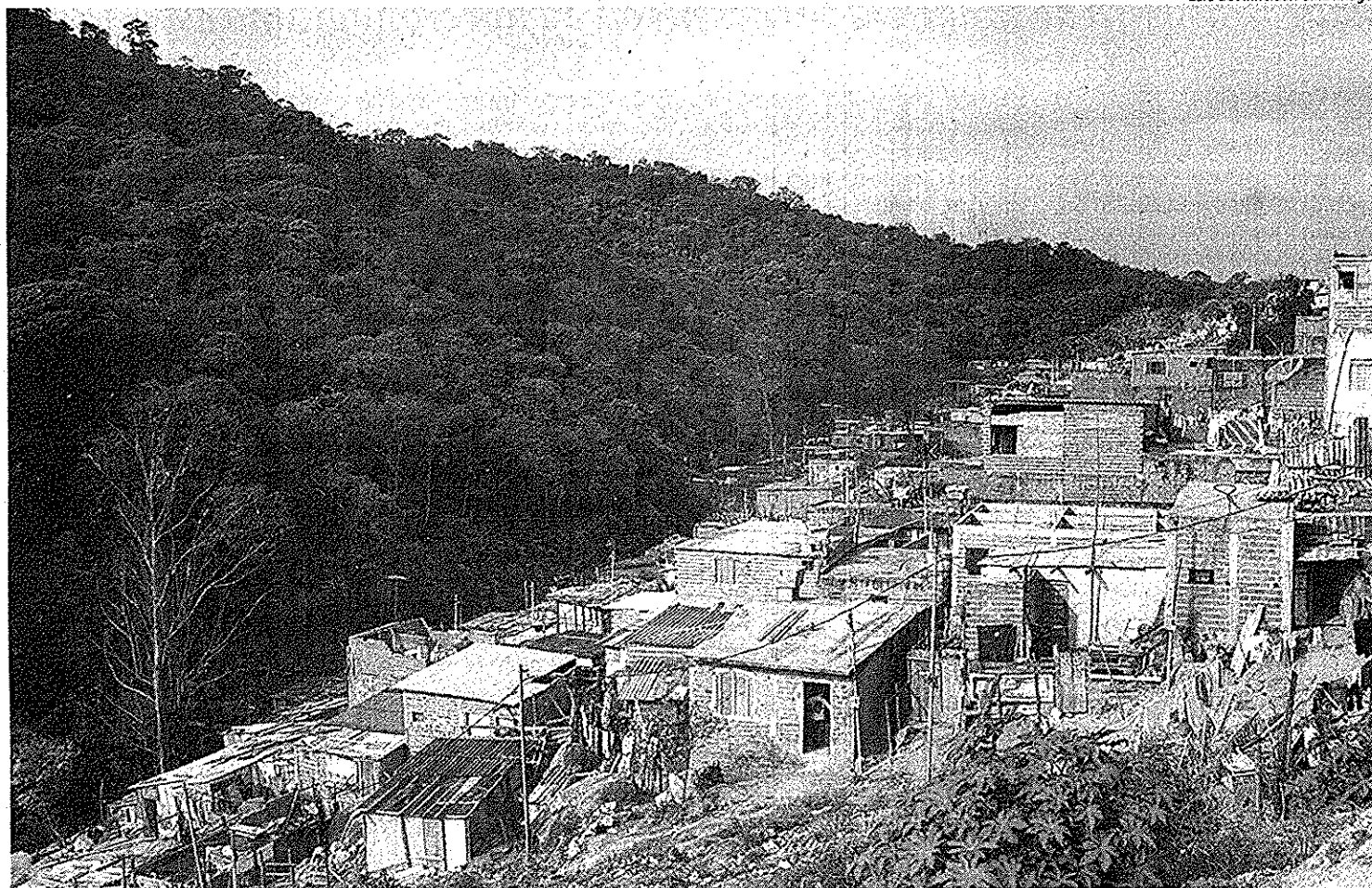
A comparação entre ricos e pobres ilustra a distribuição desigual do desmatamento: os dez distritos mais excluídos acabaram com 21,7 km² de vegetação na década passada. Isso é 135 vezes a área verde derrubada pelos dez distritos menos excluídos, entre eles Moema e Vila Mariana (sul), Jardim Paulista e Perdizes (oeste).

Os números do desmatamento estão no Atlas Ambiental do Município de São Paulo, que está na internet (<http://atlasambiental.prefeitura.sp.gov.br>) e deve ser publicado no próximo mês.

Iniciado em 1999 pelas secretarias municipais do Verde e do Meio Ambiente e do Planejamento, o estudo integra o projeto Biotá da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Os indicadores socioeconômicos são do Mapa da Exclusão/Inclusão Social, da PUC-SP.

Causas e consequências

A "periferização" leva ao desmatamento por dois motivos: é nos bairros mais distantes do centro que ainda há verde para ser destruído e é lá onde as leis que coíbem a devastação causada pela



Loteamentos clandestinos no Jardim Paraná (zona norte de São Paulo), que faz divisa com a mata do Parque Estadual da Cantareira

mistura de aumento de população e falta de infra-estrutura não funcionam, dizem especialistas.

"Em áreas centrais você não tem mais vegetação significativa", diz Patricia Marra Sepe, uma das coordenadoras do atlas ambiental. Por outro lado, explica ela, até os anos 70 quase todos os loteamentos da cidade eram regularizados e, por isso, seguiam a lei de ocupação do solo, que obriga a manter 30% de espaço livre com vegetação. "Como a maioria dos parcelamentos hoje é clandestina, a lógica é construir o máximo para ganhar mais", completa.

A retirada da cobertura vegetal afeta diretamente a população

que ocupou terrenos onde antes havia árvores. Ela aumenta riscos de deslizamentos de encostas, porque os solos descobertos ficam mais vulneráveis à erosão, e de enchentes, porque a terra carregada pela chuva diminui a vazão dos rios para onde a água acaba correndo mais rapidamente, já que é menos absorvida pela terra quando não há vegetação.

O desmatamento também incrementa a poluição do ar, principalmente por poeira que desprende de solos não-arborizados.

Um estudo do Depave (Departamento de Parques e Áreas Verdes) constatou que uma árvore na frente de casa diminui em dez ve-

zes a quantidade de poeira dentro do imóvel, material que pode ser danoso à saúde e está ligado ao aumento de internações e mortes prematuras, segundo a Cetesb (agência ambiental estadual).

Mas, no fim, todos os moradores da capital sofrem na pele.

A destruição das matas, principalmente nos extremos norte e sul da cidade, prejudica a capacidade dos três mais importantes mananciais da região metropolitana de produzirem água de qualidade para abastecimento público, afirma Pedro Jacobi, coordenador de mestrado do Procam/USP (Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da

Universidade de São Paulo).

Além disso, as áreas desmatadas formam ilhas de calor — o que favorece as tempestades de verão e aumenta o desconforto de viver na capital. O fim da vegetação acaba prejudicando também a fauna que sobrevive em São Paulo, o que pode levar a desequilíbrios e à proliferação de pragas.

Distritos

A derrubada de árvores foi maior no Jardim Ângela (extremo sul), que também tem o maior índice de exclusão. Os 4,1 km² devastados, nesse caso, estão quase todos nas regiões de mananciais das represas Guarapiranga e Bi-

lings, que abastecem 3,5 milhões de moradores de São Paulo.

Nessas áreas vivem, de forma ilegal e quase sempre sem nenhuma infra-estrutura urbana, pouco mais de 1,2 milhão de pessoas.

A lei impede o poder público de levar água, esgoto, luz, escolas e saúde à região, mas não teve força para evitar que a desempregada Elizete Maria dos Santos Alves, 37, perdesse a filha de seis anos num deslizamento de terra que derrubou o barraco onde a família vivia havia dois anos. O terreno da casa, comprado por R\$ 2.000, surgiu de onde antes havia uma encosta tomada pela mata.

Dos dez distritos com mais desmatamento, outros quatro — Grajaú e Parelheiros (sul), Cidade Tiradentes e Iguatemi (leste) — também estão entre os dez mais excluídos.

Anhanguera e Jaraguá, que ocupam, respectivamente, a sétima e a nona posição no ranking de desmatamento, foram, nessa ordem, as regiões da capital onde a exclusão mais cresceu entre 1995 e 2002. Ambos ficam na zona norte, onde está também o Parque Estadual da Cantareira, que, além de abrigar importantes remanescentes de mata atlântica, tem papel fundamental no fornecimento de água para mais de metade dos 17 milhões de moradores da região metropolitana de São Paulo.

Lá, os loteamentos clandestinos pipocaram nos últimos dez anos, subiram e desmataram a serra sem que a atuação contrária do poder público tivesse muito efeito. Hoje, muitos dos lotes que não estão em área de proteção ambiental já foram ou deverão ser regularizados pela prefeitura, de modo que seus moradores possam ter a posse da terra e o bairro se torne minimamente habitável.

A Secretaria Municipal da Habitação está legalizando 69 loteamentos clandestinos. Estima-se que haja, ao todo, 3.100.

Editoria de Arte/Folha Imagem

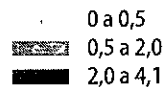
O PERFIL DO DESMATAMENTO EM SP
 Entre 1991 e 2000



2 Ibirapueras é o que derrubaram por ano, na última década, os dez distritos que mais desmataram em São Paulo

53,45 km² foi o total desmatado entre 1991 e 2000, o equivalente a 3,5 vezes a área de todos os parques municipais de São Paulo

Desmatamento entre 91 e 00
 Em km²



Fonte: Atlas Ambiental do Município de São Paulo

DISTRITOS QUE MAIS DESMATARAM
 Em km²

| | | |
|----|-------------------|-----|
| 1 | Jardim Ângela | 4,1 |
| 2 | Tremembé | 4,0 |
| 3 | Perus | 3,5 |
| 4 | Iguatemi | 3,4 |
| 5 | Parelheiros | 3,3 |
| 6 | Grajaú | 3,2 |
| 7 | Anhanguera | 3,1 |
| 8 | Cidade Tiradentes | 2,7 |
| 9 | Jaraguá | 2,5 |
| 10 | São Rafael | 2,4 |

Desmatamento 'rico' não é medido

DA REPORTAGEM LOCAL

Para medir o desmatamento na cidade de São Paulo, a equipe do atlas ambiental recorreu a imagens de satélite. A opção tem, portanto, uma distorção de escala, já que é impossível medir cortes muito pequenos ou localizados da vegetação, típicos de áreas mais ricas, explica Patricia Sepe, uma das coordenadoras do estudo.

“Hoje a gente faz uma reavaliação. Nos bairros, por exemplo, na região de Santo Amaro, Brooklin e Chácara Flora [na zona sul], que têm remanescentes menores, mas igualmente significativos, também está havendo desmatamento, que nós não captamos”, diz.

Segundo Sepe, há dois movimentos de supressão de vegetação: a periferia, que desmata de

forma mais expressiva, e a mudança no perfil de bairros que tinham modelo de ocupação horizontal de alto padrão e estão sendo verticalizados ou adensados.

Esse desmatamento é, entretanto, “menos predatório”, diz, porque é controlado de alguma forma pelos mecanismos legais e sociais. “Loteamento de rico, quando é aprovado — porque, se não for, o Ministério Público pega no pé, e os vizinhos reclamam —, tem de manter um estoque de áreas verdes ou fazer compensação. No último ano, o local que mais teve termos de compensação ambiental foi a Subprefeitura de Santo Amaro”, completa.

O desmatamento nos distritos que pertencem a Santo Amaro foi de 0,1 km², o equivalente a 14 campos de futebol oficiais. (MV)